

ATUAÇÃO DA IMPRENSA JUIZFORANA NA GREVE DE 1912

Arthur Barroso Moreira

Aluno de Pós-doutoramento em Jornalismo

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

Professor Adjunto

Universidade Presidente Antônio Carlos, Juiz de Fora, Brasil

arthurabm@yahoo.com.br

RESUMO

Estudou-se as notícias veiculadas por três jornais diários no período da greve de 1912, em Juiz de Fora. O pharol, Jornal do comércio e Diário mercantil. O objetivo aqui é destacar a atuação da imprensa como veículo capaz de informar, formar opiniões e construir história. Pelas informações obtidas pode-se afirmar que a imprensa juizforana da época foi capaz de atuar efetivamente como o quarto poder – o poder moderador.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa, Juiz de Fora, greve de 1912.

ABSTRACT

A study was made to reports by three daily newspapers during the strike of 1912, in Juiz de Fora. O pharol, Jornal do commercio and Diário mercantil. The objective here is to highlight the role of the press as a vehicle able to inform, form opinions and build history. From the information obtained can be stated that the press of the time from Juiz de Fora was able to effectively act as the fourth power - the moderator power.

KEYWORDS

Press, Juiz de Fora, Strike of 1912

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como tema a greve do operariado juizforano em agosto de 1912. O fato de ser o primeiro movimento dessa natureza em uma cidade que era uma das maiores áreas industriais do Brasil despertou expectativas em todos os setores. Os veículos de comunicação eram numerosos, pois a cidade investiu em bens culturais e na formação intelectual de sua elite cafeeira, o que significou a presença de uma centena de jornais, de todos os estilos, no início do século XX.

O objetivo deste estudo é mostrar a atuação da imprensa juizforana no primeiro movimento operário local; reconhecer a importância destas publicações para o acompanhamento da greve pela sociedade, e mostrar que mesmo pertencendo a políticos ou empresários os jornais conseguiram atuar como poder moderador, ou seja, representante dos anseios sociais frente aos poderes oficiais. Assim, procedeu-se à leitura comparativa crítica de três jornais diários – *O pharol*, *Diário mercantil* e *Jornal do commercio* –, que são os mais importantes entre os existentes à época. Não houve preocupação em medir o espaço dado ao tema da greve, mas sim entender o conteúdo das informações veiculadas dentro de seu contexto histórico.

O período de tempo observado foi o de 17 a 30 de agosto de 1912. A inspiração para o presente trabalho partiu de um aluno de graduação – Luiz Carlos Fazza – que tratou do tema em seu trabalho de conclusão. Normalmente os estudos do período tratam das três greves (1912, 1919 e 1924), mas esta tem a relevância de marcar o início da perda de competitividade de Juiz de Fora frente a São Paulo pela primazia econômica no Brasil.

1. JUIZ DE FORA, 1830 – 1912

A queda na mineração, a partir de 1830, na região de Vila Rica, abriu a possibilidade de ocupação das terras proibidas ao longo ou nas proximidades do Caminho Novo. Os deserdados do ouro, com a ajuda de um mercenário do exército prussiano, transformaram um povoado às margens do rio Paraibuna em Vila no ano de 1850 – Santo Antônio do Paraibuna; que em 1865 tornou-se a cidade de Juiz de Fora.

A cultura cafeeira no Vale do Paraíba e a localização próxima ao Rio de Janeiro tornaram a cidade uma das mais importantes do Estado de Minas Gerais. Márcio Arcuri considera que nas décadas finais do século XIX e início do século XX, Juiz de Fora estava entre as mais importantes cidades em relação ao desenvolvimento econômico, social e cultural. Mas sempre necessitada de importar mão de obra.

Para Silvia Toyoshima o marco do crescimento econômico de Juiz de Fora foi o cultivo do café. O dinheiro movimentado na cidade deu origem às ligações com a capital do Império pela *Estrada União e Indústria* em 1861 – a primeira pavimentada da América Latina – e pela via férrea em 1877. Ao mesmo tempo a aristocracia rural permitiu o crescimento do comércio e implantação de indústrias, que trouxeram no seu rastro o desenvolvimento da comunicação e dos transportes: bondes de tração animal (1881), telefone (1883), telégrafo (1884), água em domicílio (1885), energia elétrica e iluminação pública elétrica (1889). O café também criou importantes bancos: *Territorial e Mercantil de Minas Gerais* (1887) e *Banco de Crédito Real de Minas Gerais* (1889).

Graças ao espírito empreendedor que dominava os donos do capital e a maciça presença de imigrantes europeus qualificados a primeira década do século XX tornou a cidade conhecida como a *Manchester Mineira*. Tendo em vista a importância dos imigrantes alemães e italianos nos primeiros anos da atividade industrial em Juiz de Fora é oportuno conhecer as condições em que aportaram na cidade.

Luis Eduardo de Oliveira relata que a *Companhia União e Indústria*, responsável pela construção da estrada de ligação da zona cafeeira com o porto, contribuiu para a chegada dos alemães. Mariano Procópio Ferreira Lage percebeu a carência de mão de obra especializada e providenciou autorização para trazer da Alemanha os trabalhadores. Assim, em 1858, Juiz de Fora recebeu 1.162 alemães – um salto imediato de 20% na população da cidade. Terminada a estrada os trabalhadores montaram pequenas fábricas, voltaram-se para a agricultura ou tornaram-se operários fabris.

Os italianos vieram em uma segunda fase de imigração, como participantes do projeto da Associação Promotora da Imigração que atuava com o objetivo de introduzir no país mão de obra barata e numerosa (também cristã, culturalmente adaptável e racialmente apta ao trabalho – segundo a visão dos legisladores do Império). Com dificuldades em trabalhar na região rural, muitos permaneceram para trabalhar nas fábricas.

Um terceiro grupo a formar o proletariado juizforano foi o negro. Ele só apareceu quando o café se extinguiu de fato. Assim, o proletariado de Juiz de Fora formou-se com negros, imigrantes europeus e pessoas vindas do campo, dispostos a trabalhar nas atividades industriais do período, cujos produtos – bebidas, couro, calçados, latas, máquinas agrícolas e industriais, folhas de flandres – eram, em sua maioria, exportados.

O operário – incluindo crianças – pouco usufruía do seu trabalho, pago de forma miserável e realizado em condições ambientais precárias e exigências psicológicas sub-humanas: dez horas por dia, sete dias por semana. A aristocracia rural ao travestir-se de burguesia industrial trouxe consigo a mentalidade escravocrata: considerava um favor o dever de pagar o trabalho recebido e não o fazia de forma justa. Em Juiz de Fora poucos se beneficiavam da atividade industrial e dos frutos que a modernidade da vida urbana trazia.

Se a elite industrial não aceitava a melhor distribuição da mais-valia e exauria o capital humano, os alemães, italianos e alguns brasileiros tinham a consciência de que não precisavam submeter-se cegamente com prejuízo próprio e de seus familiares. Obviamente, o conhecimento de outras idéias sobre relações de trabalho e dos sacrifícios dos quais fugiram os imigrantes contribuíram para o impasse trabalhista no início do século XX. Em 1912 não foi mais possível suportar a situação e movimentos ocorridos em outras cidades foram o exemplo do que poderia ser feito. Uma greve estendeu-se a diferentes grupos profissionais e o movimento de protesto deixou mudanças profundas nas relações trabalhistas e no desenvolvimento futuro de Juiz de Fora.

2. OS VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO E A GREVE DE 1912

O desenvolvimento cultural e a industrialização sempre caminharam juntos em Juiz de Fora. Escolas de todos os níveis mantidas pelo poder público ou mesmo pelo capital estrangeiro transformaram a cidade em pólo educacional da região. Numa época em que poucas

pessoas liam, a cidade contava, segundo Márcio Arcuri, com a circulação de mais de cem periódicos, de diários a mensais, distribuindo-se por diferentes setores, inclusive o sindical e o religioso. O que revela a multiplicidade de idéias que circulava entre a população.

Dos periódicos da cidade na primeira década do século XX, que noticiaram sistematicamente a greve de 1912 destacam-se os três que são os responsáveis pela formação da opinião pública à época: *O pharol*, o *Jornal do commercio* e o *Diário mercantil*. O primeiro é o mais antigo jornal de Juiz de Fora, com referência de sua presença em 1870 (encerrou as atividades em 1939) e de maior circulação no período; o *Jornal do commercio* foi fundado em 1896, sendo o mais conservador e, apesar do nome, não representava os comerciantes, no entanto seus editores tinham estreitos laços com os comerciantes da cidade e, no futuro tornar-se-ão editores do órgão oficial da Junta Comercial; e o *Diário Mercantil* apareceu justamente em 1912, tendo como fundador Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (IV), político de família tradicional do estado e com projeção nacional. Antônio Carlos havia trabalhado como colaborador do *Jornal do commercio*.

Os três jornais à época eram diários – sem circulação às segundas-feiras. Assim, nenhuma informação ao público foi veiculada nas duas segundas-feiras (19 e 26 de agosto) do período da greve de 1912. Nos três jornais destacam-se alguns pontos de aproximação e afastamento editorial nas edições do período de 17 de agosto, o dia seguinte ao início da greve, a 31 do mesmo mês, quando se considerou encerrado o movimento e objeto do presente estudo.

Além da circulação, o aspecto geral de diagramação dos três jornais era o mesmo: quatro páginas, diferenciando-se na divisão em colunas, pois *O pharol* contava sete e os demais, seis colunas gráficas. Pela denominação dada às colunas percebe-se a importância do telégrafo para a circulação das notícias naquele período. Nas segundas páginas eram publicadas no *Jornal do commercio*, o *Fio telegráfico*; no *Diário mercantil*, o *Pelo telégrafo* e em *O pharol*, na primeira página, as *Notícias pelo telegrafo*. Os três jornais veiculavam fatos internacionais, nacionais, regionais e locais ao lado de crônicas e notas sociais, publicações *A pedido*, editais e alguns poucos anúncios na primeira ou na segunda página. Diferenciando-se dos demais, *O pharol* oferecia duas oportunidades temáticas, uma voltada para a saúde: serviço médico ou dentário em coluna denominada *Guia dos consultantes*, na segunda página e outra dedicada à colônia italiana, escrita em língua daquele país. Na terceira e quarta páginas, enquanto o *Diário mercantil* veiculava muitas propagandas do Rio de Janeiro e algumas locais, o *Jornal do commercio* anunciava produtos de São Paulo e Rio de Janeiro; os produtos locais estavam mais presentes na quarta página. Ambos se interessavam e noticiavam com frequência a chegada e saída de navios a vapor para as Américas e Europa. *O pharol* tinha naquelas páginas anúncios, principalmente locais, de colégios, bancos, material de construção.

Em relação à greve de 1912, os três jornais se fizeram presentes, ainda sem ponto de comparação com acontecimentos locais anteriores, pois era o primeiro movimento grevista de Juiz de Fora. Obviamente cada editor imprimiu a própria visão do fenômeno. Resalvando-se que é a visão da redação e não dos proprietários dos veículos.

2.1. TECENDO O DIA A DIA DA GREVE NO NOTICIÁRIO

A greve foi declarada no dia 16 de agosto de 1912 e foi notícia no dia 17, no *Jornal do commercio* (n.º 5017, 1) e em *O pharol* (n.º 195, 1). Ambos descreveram os acontecimentos do

início do movimento. O primeiro veículo considerou o fato consumado, mas limitado a 800 operários. Relatou a atitude pacífica dos trabalhadores e a grandeza dos senhores industriais que não pretenderam, jamais, se enriquecer com o sofrimento de seus empregados e muito menos deixar de ouvi-los. Ao referir-se à atitude pacífica dos grevistas, o jornal noticiou a chegada de reforço policial e de um delegado auxiliar vindo de Belo Horizonte. Por seu lado, os grevistas buscaram apoio junto à Câmara Municipal. Observa-se que o redator do *Jornal do comércio* adotou uma linha prudente ou naturalmente respeitosa para com os patrões, quase os considerando interessados na causa dos empregados. Descreveu a atitude pacífica dos grevistas como se fosse a única esperada do operariado juizforano e considerou que não precisavam recorrer à agressividade dos movimentos congêneres europeus.

Opharol (n.º 195, 1) anunciou que o operariado dera mostras, na véspera, de que entraria em greve. Citou como objetivo do movimento a mudança na jornada de trabalho para 8 horas/dia (ela era de no mínimo de 10 horas, podendo chegar a 14 horas diárias). Em relação a esta reivindicação, o jornal relatou que o operário Galdino de Medeiros recebera um telegrama anunciando que o movimento de Belo Horizonte conseguira as oito horas de jornada. O jornal exortou os operários, que calculou em 400, a uma atuação tranqüila e listou as categorias paralisadas: pedreiros, tecelões, carpinteiros, serviçais, sapateiros. Em relação aos reforços policiais, *Opharol* censurou diretamente a sua presença, mostrando-os como fator de possível amedrontamento aos operários e ameaça ao movimento e lançou um protesto formal. O veículo mostrou-se imediatamente simpático à causa operária, citando as reivindicações e justificando-a com o que já acontecia em outros países. Ficaram de fora nesse primeiro momento comentários sobre dos baixos salários e a exploração de mulheres e crianças menores de 14 anos. A censura direta ao reforço policial foi uma demonstração de apoio, ainda que parecesse duvidar da força do movimento quando considerou a paralisação feita por apenas 400 operários.

No segundo dia de circulação dos jornais com notícias da greve, 18 de agosto, o *Diário mercantil* (n.º 178) publicou o convite do Presidente da Câmara, Oscar Vidal Barbosa Lage – filho da aristocracia rural; aos industriais e aos sindicalistas para uma reunião na segunda-feira, dia 19, às 13 horas, na própria Câmara, cujo tema seria a redução da jornada de trabalho para 8 horas. Essa medida resultava do fato de que, desde o início do movimento, os operários procuraram o Dr. Francisco Augusto Pinto de Moura, advogado, vereador e redator deste jornal; assim, o poder público esperava acabar com a agitação da classe operária. O *Diário mercantil* relatou ainda que a construtora *Pantaleone Arcuri & Spinelli* dirigiu carta à redação informando que reduziria em uma hora o tempo de trabalho dos seus operários, mas não há na informação de qual era a jornada na empresa.

Nesse mesmo dia o *Jornal do comércio* (n.º 5018) registrou a insatisfação da população com a presença da polícia, mas colocou-se claramente ao lado das forças de segurança, ressaltando a utilidade dos serviços que aquela força armada prestava diante da exaltação de alguns indivíduos. As pessoas exaltadas, na opinião do jornal, nem mesmo eram operários, mas agitadores. O jornal considerou a greve encerrada e baseou a sua posição na presença das famílias, à noite, passeando na rua Halfeld, onde havia locais de encontro das famílias da elite.

Opharol (n.º 196) do dia 18 dava grande destaque ao movimento grevista, dedicando-lhe três colunas. Notícia e aplaude a reunião marcada na Câmara Municipal, conclama e registra a calma; reconhece que há fábricas paradas, embora a maioria esteja trabalhando e registra a presença da força policial em algumas.

No dia 20 de agosto, quinto dia de greve e terceiro de circulação de notícias, o que chamou a atenção foi a reunião da segunda-feira na Câmara Municipal sem a concessão da redução na jornada de trabalho e o esclarecimento de que caberia à higiene municipal regulamentar a questão dos menores.

O *Diário mercantil* (n.º 179, 1) e *O pharol* (n.º 197, 1) deram notícia da assembléia acontecida no Largo do Riachuelo na noite do dia anterior (19/08) na qual Donato Donatti falou sobre o resultado negativo da reunião na Câmara Municipal e incitou os operários a permanecerem em greve. *O pharol* registrou que Donato Donatti “fala com extrema facilidade e com muita correção, foi aplaudidíssimo e interrompido várias vezes por aclamação prolongada”. Esse registro era uma observação velada ao fato de que Donatti era um imigrante italiano e líder socialista, foi o fundador, em Belo Horizonte, da *Societá de Mutuo Soccorso* e foi presidente da *Liga Operária*, extinta em 1900. Por ocasião da greve foi convidado a orientar o movimento. O *Diário mercantil* relata que Donati pediu aos trabalhadores para agradecerem aos jornais locais e que cerca de três mil operários passaram pela redação dos jornais agradecendo o apoio que a greve recebia da imprensa.

No dia 21 de agosto, o *Diário mercantil* (n.º 180, 1), *O pharol* (n.º 198, 1) e o *Jornal do commercio* (n.º 5020, 1) concordaram que a greve permanecia de forma pacífica, noticiam mais uma vez a fala de Donatti, mas não chegam a um acordo em relação ao número de operários que participaram da reunião: dois mil, para o primeiro e 500 para o segundo que registrou, ainda, a presença de numerosos policiais nos Largos centrais da cidade em atitude provocativa para com a população. O *Jornal do commercio* registrou a falta de solução para o impasse e procurou justificar o lado patronal, chamando em sua defesa a insipiência da atividade industrial no Brasil e a impossibilidade de concorrência com os produtos estrangeiros. Diante disso, considera o redator, a prudência e não a desumanidade impedia os patrões de atenderem às reivindicações e mudarem a situação precária em que viviam seus “auxiliares”. Nesse contexto de impossibilidade, no parecer do *Jornal do commercio*, o retorno ao trabalho pode trazer benefícios.

No dia seguinte, 22 de agosto, o *Diário mercantil* (n.º 181, 1) registrava a continuação da greve, a presença da polícia e a formação de uma comissão de trabalhadores, entre eles Donato Donatti, o vereador Pinto de Moura e sindicalistas vindos de Belo Horizonte, para negociar as reivindicações do movimento. Na noite do dia anterior, no Largo do Riachuelo, Donatti transmitia o malogro da reunião e informou que um telegrama da Federação das Indústrias de São Paulo oferecia duas mil vagas aos operários de Juiz de Fora. Assim, muitos partiram para São Paulo. O jornal também relatou a atitude de 3 mil grevistas que na manhã do dia 21/08 postaram-se no largo do Riachuelo com o objetivo de impedir que os trabalhadores do Morro da Gratidão e bairro Mariano Procópio chegassem ao trabalho. *O pharol* (n.º 199, 1) também noticiou o fato, mas considerou serem 2 mil os grevistas presentes naquela parede. Este jornal destacou que a categoria dos sapateiros solicitou aos sindicatos de São Paulo e do Rio de Janeiro solidariedade e auxílio para se manter em greve. O *Jornal do comércio* dedicou-se a um tema paralelo. Percebe-se acima que o posicionamento deste diário é disfarçadamente contra as reivindicações dos trabalhadores; esta posição mudará com a ação do Estado sobre o movimento grevista.

Com a manchete “Cena aviltante” o *Jornal do comércio* (n.º 5021, 1) relatou a morte do trabalhador Juvenal Guimarães, da Companhia Singer e Tinturaria Guarany, na noite daquele

dia 21/08. Também *O pharol* (n.º 199, 1) descreveu o tiroteio na rua Halfeld, afirmando que a arbitrariedade da polícia existia desde o início da greve:

foram coronhadas e rifles em cena no primeiro dia; foram prisões e violência no segundo; foram nos subseqüentes pequenas picardias, insinuações, novas arbitrariedades e arrochos ao povo, no firme desejo de despertar revoltas (*O pharol*, n.º 199, 1).

O jornal ainda criticou duramente o delegado Paula e sugeriu sua exoneração.

Diante desse fato violento os estudantes se movimentaram e, como os jornalistas, telegrafaram ao Presidente do Estado Bueno Brandão, protestando, pedindo providências e punição aos culpados. Como os industriais se mantinham firmes em não atender às reivindicações, o descontentamento se generalizava e muitos operários, que até então se mantinham trabalhando, aderiram à greve. Em atitude de protesto, mais de cem operários seguiram para Curralinho (MG), contratados pelas indústrias daquela cidade.

No dia 23/08, o *Diário mercantil* (n.º 182, 1) volta a destacar os acontecimentos do dia 21/08 com a manchete: "A força policial contra o povo". Descreve os acontecimentos e noticia o sinal de pesar do comércio e dos cinemas, que fecharam as portas. O *Jornal do commercio* (n.º 5022, 1) noticiou o enterro do trabalhador morto, acompanhado por 2 mil pessoas, e a ordem do comandante do 2º Batalhão de polícia para que se recolhesse o contingente ao quartel, além da prisão dos policiais envolvidos no tiroteio da rua Halfeld. Com o título "Selo de Gratidão", *O pharol* (n.º 200, 1) lembrou a acolhida carinhosa dada aos policiais dias antes e a maneira grosseira como responderam.

Apesar dessas medidas disciplinadoras, chegava de Belo Horizonte um novo contingente de 30 policiais. O delegado auxiliar proibiu aglomerações no Parque Halfeld e sua iluminação foi cortada. Os motorneiros pediram proteção contra a polícia indisciplinada e receberam do poder público a alternativa de abandonarem o bonde quando vissem a polícia procurando conflitos. A polícia convidou a imprensa para assistir ao inquérito policial do tiroteio para que formasse um juízo seguro sobre os fatos e as providências tomadas pelas autoridades, além de pedir que a imprensa aconselhasse aos operários a evitar qualquer ajuntamento de pessoas.

Os eventos registrados no dia 24/08 pelo *Diário mercantil* (n.º 183, 1) dão conta de uma assembléia no Parque Halfeld, na qual Donato Donatti desmentiu o encerramento do movimento; informou sobre a chegada do Chefe Estadual de Polícia Dr. Américo Lopes, seu ajudante de ordens e do Dr. Antonio Afonso de Moraes, diretor da divisão de estatística criminal do Estado. O *Jornal do commercio* (n.º 5023, 1) diminuiu o espaço dedicado à greve, considerando o dia normal e sem incidentes. Noticiou a abertura do inquérito para apurar responsabilidades e a solicitação da polícia para que as reuniões ocorressem em locais fechados. *O pharol* (n.º 121, 1) continuava a ocupar toda a primeira página com notícias sobre o movimento. Incriminou autoridades policiais, criticou atitudes não voltadas para as responsabilidades do cargo e condenou a presença de soldados e oficiais "ignorantes e perversos". Ainda abriu espaço para uma manifestação das Lojas maçônicas contra o vandalismo da polícia.

Em 25/08 o *Jornal do commercio* (n.º 5024, 1) e *O pharol* (n.º 202, 3) informaram o encerramento de parte da greve dos sapateiros, cujos patrões aceitaram as reivindicações. Diante

da aceitação da tabela alguns sapateiros retomaram as atividades. Estes profissionais assumiram o compromisso de contribuir pecuniariamente com quem permanecia em greve. Neste dia o *Diário mercantil* (n.º 184, 1) e *O pharol* (n.º 202, 3) noticiaram o regresso Donato Donatti a Belo Horizonte envolto no boato – desmentido – de que fora expulso pela polícia local. Enquanto o *Diário mercantil* afirmava que a maior parte das fábricas permanecia fechada, *O pharol* considerava que a partida de Donatti diminuía o movimento.

A partir de 27/08, dias finais da greve, *O pharol* (n 203, 1) reconheceu a diminuição do movimento e o retorno de mais alguns sapateiros ao trabalho, além da saída de operários para outros estados. O *Diário mercantil* (n.º 185, 1) noticiou o fim da greve, a normalização do trabalho nas fábricas e o retorno do Chefe de Polícia a Belo Horizonte. O *Jornal do commercio* (n.º 5025, 1) dedicou-se a rebater as críticas feitas pelos jornais do Rio de Janeiro à atuação a favor dos operários pelos jornalistas juizforanos durante a greve.

Na quarta-feira 28/08 o tema se restringiu ao assassinato do operário Juvenal Guimarães. A partir deste dia aparecem breves relatos de uma ou outra fábrica ainda paralisada, sendo que após 31/08 o tema greve desaparece por completo da imprensa juizforana. Não há um balanço sobre o movimento e nem informações sobre as conquistas alcançadas. No resto do ano surgiram notícias relacionadas ao julgamento do alferes responsabilizado pelo tiro-teio na rua Halfeld e as reações negativas ao veredicto de inocência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação da imprensa juizforana na greve de 1912 pode ser considerada como um dos raros momentos em que os veículos atuaram como quarto poder, ou seja, como moderadores entre os anseios populares e os poderes do Estado. Exemplo disto foi a repercussão negativa da atuação dos jornais locais no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. O movimento grevista de Juiz de Fora e a atuação da imprensa local ficaram sob a mira dos jornais cariocas, sendo que o *Jornal do commercio* do Rio de Janeiro mostrou-se virulento contra a imprensa local e a favor da atuação violenta da polícia mineira. *O pharol* (n.º 204, 1) reproduziu extrato da opinião do veículo carioca: “Em Juiz de Fora, um italiano loquaz, agitador profissional sublevoou o operariado e obrigou a polícia a uma intervenção mais enérgica”. Ao mesmo tempo o *Jornal do commercio* (n.º 5025, 1) dirigiu-se a seu homônimo da capital do país rebatendo energicamente as críticas e termina dizendo que os redatores do Rio de Janeiro ficam ao lado de assassinos “que não nos causam inveja”.

Em uma fase na qual os jornais já são veículos de propaganda da esfera privada – exemplificada na forma pela qual a imprensa do Rio de Janeiro e Belo Horizonte repercutiram a cobertura da greve em Juiz de Fora, ou seja, refletindo o desejo da burguesia industrial de não ceder e não dar voz às classes subalternas – a imprensa juizforana mostra-se pertencente à esfera pública, veículo para a discussão dos problemas públicos, dando voz aos vários lados que se defrontaram durante a greve de 1912.

Importante notar que apesar de os jornais pertencerem à alta burguesia – *O pharol* era um órgão monarquista que evoluiu para republicano conservador; o *Diário mercantil* pertencia a um dos políticos mais poderosos do país; o *Jornal do commercio* também pertencia a um político influente (mais tarde considerado o cacique de Juiz de Fora) – mantiveram um

posicionamento de moderação do conflito estabelecido entre os trabalhadores, os donos das empresas e o Estado – representado tanto pela Câmara Municipal quanto pela polícia.

Apenas o *Jornal do commercio* manteve uma posição inicial de propagandista anti-greve, justificando a posição patronal e pedindo a volta ao trabalho. Este posicionamento inicial está de acordo com o momento histórico dos conflitos sociais no Brasil, em geral resolvidos com extrema violência por parte do Estado. Esta posição muda com a rudeza das ações policiais. A partir da morte de um operário o veículo passa a trabalhar pela resolução negociada do conflito.

A mediação dos veículos juizforanos no contexto da época pode ser percebida também como um esgotamento da visão econômica e dos métodos repressivos da República Velha. No entanto, ao fim da greve o tema morreu nos jornais. Pode-se especular os motivos, mas o mais provável é que o amadorismo das redações não deu a devida importância às questões de fundo e ao balanço do movimento (que se repetiria no futuro) – notícia velha não vende jornal.

BIBLIOGRAFIA

Andrade, Sílvia de. *Classe operária de Juiz de Fora: uma história de lutas – 1912-1924*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

Arcuri, Márcio. “A imprensa em Juiz de Fora em 1897”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora* .10 (1986).

Oliveira, Luís E. de. “Cultura política e luta de classes: a experiência social dos trabalhadores de juiz de fora durante a primeira república”. 2006. Internet. 20 jul. 2007. <http://www.uss.br/web/arquivos/textos_historia/Luis_Eduardo_CULTURA_POLITICA_E_LUTA_DE_CLASSES.pdf>.

Toyoshima, Sílvia H. *Evolução de uma economia periférica: o caso de Minas Gerais*. Diss. Mestrado. U São Paulo, 1986.